

Cabeças cortadas

12 FEV 1987

HÁ muitos cenários desenhados sobre as mesas dos empresários em São Paulo neste momento, todos eles tentando ver além das cabeças cortadas em Brasília e daquelas que parecem destinadas à guilhotina, mais cedo ou mais tarde.

Um deles contempla a possibilidade do congelamento dos preços com um retorno heróico do Governo às origens do Cruzado. Como reagiriam os negócios nessas circunstâncias? Pelo sim, pelo não, muita gente chutou seus preços para a lua, para tão alto quanto possível, procurando se prevenir contra outro round que ninguém sabe onde vai dar. Como as empresas privadas vivem de lucros, e não têm a mesma válvula de escape dos subsídios das empresas públicas, o jeito é apelar. Quem foi apanhado no contrapé

do congelamento em fevereiro passado aprendeu rápido a lição e agora está sendo esperto por necessidade de sobrevivência. Ou antecipa a alta, ou terá que abrir uma "caixa dois".

O resultado da esperteza colocada num pedestal é mais lenha na fogueira inflacionária. Quanta lenha, ninguém sabe. Só se (e quando) o fogo apagar.

O mais curioso nesse cenário, onde entram outros complicadores maiores ainda — como a dança dos ativos financeiros, com o dinheiro pulando loucamente de um galho para outro — é que ninguém deseja desestruturar a jovem democracia brasileira, nem parece querer soluções que remetam o país ao autoritarismo do passado. Mal ou bem, o presidente José Sarney é preservado. Tudo o que se deseja é um mínimo de coerência na condução dos negócios nacionais e que o partido no poder, com suas lideranças,

assuma o peso e a carga do apoio ao governo.

Olhando na linha do horizonte, muita gente especula, porém, sobre as conveniências das lideranças, e duvida que o produto político e econômico seja marcado pela racionalidade. O que poderia resultar do encontro Quéricia-Sarney previsto para hoje, por exemplo? As tentações do governador para apoiar a volta ao congelamento, como nos velhos e bons tempos da campanha que lhe valeu uma vitória esmagadora sobre a dupla Ermírio-Maluf, parecem irresistíveis. O Brasil ainda não chegou ao fundo do poço. O próximo passo seria a moratória da dívida externa, pois já não existem reservas cambiais para consumir. O país mergulharia para dentro de si mesmo, em uma rota anarco-chinesa, uma mistura de Itália com a China dos tempos de Mao, que hoje luta desesperadamente para se abrir e recuperar o tempo perdido.

Não há nenhum economista sensato capaz de apostar na manutenção de taxas positivas de crescimento da economia nesse cenário. As chances de desorganização do sistema produtivo e de caos são infinitamente maiores. Quem sentiu calafrios e procurou se cobrir já correu ontem para o black, depois de especular em operações de day trade nas bolsas, isto é, comprando e vendendo dentro do mesmo pregão para realizar lucros à custa do que na gíria se conhece como "carneiro", ou aquele que chega atrasado nos picos e de altas e baixas. O outro foi na onda pela manhã e pegou uma valorização de uns 4%. Quem tinha reservas em dólar, não vendeu.

Estranhamente, um resultado moderado da reunião do governador eleito de São Paulo, hoje, com o presidente Sarney, pode jogar água na fervura, pelo peso que tem esse Estado na vida nacional. Há quem aposte que Quéricia poderia abrir para sua carreira política um horizonte melhor se fugir ao populismo do que se seguir as linhas intelectuais fogosas que torpedearam sua candidatura quando ela tentava decolar. É esperar para ver.

